

UM PANORAMA HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DO CURSO DE MUSICOTERAPIA NA UNESPAR/FAP

Rafaela de Lima Zerbini¹

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender a construção histórica do Curso de Musicoterapia da antiga Faculdade de Artes do Paraná, atual UNESPAR, no período de início do curso como especialização até o início de sua graduação. Por meio da metodologia da História Oral, foram feitas entrevistas com sujeitos que fizeram parte desse processo. O estudo, além de fazer uso de entrevistas, fez um levantamento de documentos e produções intelectuais da época ligadas ao início do curso. Considerando que há poucas pesquisas sobre o tema, esse breve trabalho busca contribuir com uma maior compreensão sobre a Musicoterapia no Paraná.

Palavras-Chave: História da Musicoterapia; Curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná; História Oral.

ABSTRACT

This present study aimed to understand the historical construction of the Music Therapy course at the University of Arts of Paraná during the beginning of the course as a specialization until the beginning of the graduation. Through the oral history methodology, interviews were conducted with individuals who were part of this process. The study, besides making use of interviews, conducted a survey of documents and intellectual productions from the period tied to the beginning of the course. Whereas there is little research on the subject, this brief paper seeks to contribute to a greater understanding about Music Therapy in Paraná.

Key-words: History of Music Therapy, Music Therapy course at University of Arts of Paraná; Oral History.

INTRODUÇÃO

Segundo Toro (2000), a visão da música como elemento terapêutico é uma constante dos povos e não está limitada a uma faixa geográfica ou cultural. O autor comenta ainda que a história mostra diferentes metodologias do uso da música como terapia em diferentes populações e épocas. Lapoujade e Lecourt (1996, p. 19) relatam que “desde a Antiguidade até o século XVIII, a música era indicada para despertar e estimular emoções assim como para controlar e acalmar as paixões”.

Contudo, é a partir do século XX que a Musicoterapia surge dentro do contexto da ciência (CHAGAS, 2003). Lecourt e Lapoujade (1996) comentam que, desde o séc. XIX, o campo da Musicoterapia já vinha sendo desenvolvido ligado ao trabalho de alguns psiquiatras. Segundo Guazina (2006), este fato pode explicar o discurso desse campo se assemelhar ao discurso médico, pois “possivelmente configurou-se ligado às demandas de adaptabilidade dos pacientes e a normatização da loucura” (*ibid*, p.13). O modelo médico está ligado, segundo Amarante, o discurso médico (2007) “implica em uma relação com a doença enquanto objeto abstrato e natural, e não com o sujeito da experiência da doença” (*ibid*, p.27). Sendo assim, a Musicoterapia surge como área específica vinculada à ciência, e é assim nomeada por se utilizar de paradigmas científicos para embasar sua prática (LE COURT, LAPOUJADE, 1996; CHAGAS, 2003; SCHAPIRA, 2007).

Algumas definições da Musicoterapia podem facilitar este entendimento:

[...] a musicoterapia social caracteriza-se por ações centradas em promoção e produção de saúde que se inserem no espaço social fortalecendo a grupalidade, a comunidade, a coletividade e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento de vulnerabilidades e riscos, que podem colaborar diretamente com a assistência social. A partir dessas noções, potencializa-se o fazer musical como um dispositivo de ação social que permite a construção de laços e interações positivas capazes de transcender as palavras e acionar forças de pertencimento e solidariedade (UBAM, 2011, p.2).

La musicoterapia es una psicoterapia que utiliza el sonido, la música, el movimiento y los instrumentos cóporo-sonoro-musicales, para desarrollar, elaborar y reflexionar un vínculo o una relación entre musicoterapeuta y paciente o grupo de pacientes, con el objetivo de mejorar la calidad de vida del paciente y rehabilitarlo y recuperarlo para la sociedad (Benenzon, 2008, p. 157).

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidade físicas, emocionais, mentais, sociais, e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração inter e/ou intrasubjetiva e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida pela prevenção, reabilitação ou tratamento (Definição de Musicoterapia da Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia, *apud* GUAZINA, 2006).

A partir da primeira metade do século XX, a Musicoterapia se estabelece como uma profissão, enquanto as primeiras formas de produção da profissão, como os cursos, começam a serem organizadas nesse período, a partir da segunda metade do mesmo século. Conforme a *American Music Therapy Association* (AMTA, 2011), a profissão começou formalmente depois da Primeira Guerra Mundial, onde músicos da comunidade (tanto amadores quanto profissionais) foram para os hospitais de todo o país, tocando para veteranos de guerra mutilados e com traumas emocionais. Silva Junior (2008) comenta que, nesta época, houve um comprovado efeito relaxante e sedativo em função da música.

Segundo a *American Music Therapy Association* (2011), com a notável resposta física e emocional à música, médicos e enfermeiros começaram a solicitar a contratação de músicos para os hospitais durante o período da Segunda Guerra Mundial. Silva Junior (2008) afirma que, neste período, nos Estados Unidos, essas contratações teriam ocorrido em função das conseqüências das neuroses de guerra sofridas pelos soldados. Ainda no mesmo período, na Argentina, ocorreu um surto de poliometelite, que também produziu uma demanda de músicos nos hospitais, a pedido dos profissionais da saúde. Isso auxiliou para que houvesse uma necessidade de formação específica para estes profissionais (SILVA JUNIOR, 2008;

AMTA, 2011; GASTON, 1989), levando à criação dos primeiros cursos de musicoterapeutas na Argentina e nos EUA.

Na década de 40, conforme a AMTA (2011), três nomes se destacaram por serem os porta-vozes no desenvolvimento da organização da Musicoterapia como profissão: os psiquiatras e musicoterapeutas Ira Altrshuler, Willem Van de Wall e Thayer Gaston. Foram os primeiros organizadores de áreas de atuação (educacional e organizacional) e materiais didáticos da musicoterapia (livros). Os primeiros cursos foram iniciados ainda na década de 40.

No Brasil, pesquisas na área tiveram início em meados da década de 40 (COSTA, 2008; FREIRE, 2007). Alguns profissionais da época começaram suas buscas dentro de perspectivas da educação musical a partir da década de 50, no Rio de Janeiro e no Paraná em Curitiba (FREIRE, 2007). Segundo Santos (2004), a Musicoterapia esteve associada, inicialmente, à Pedagogia Musical (na época, não nomeada de tal forma, sendo uma prática musical com crianças), passando pela educação musical especial e depois utilizando de elementos práticos da Musicalização terapêutica.

Em 1970, no Rio de Janeiro, as musicistas Cecília Conde, Dóris de Carvalho e Gabrielle de Souza Silva, com sua curiosidade sobre a compreensão da música, formaram um grupo de profissionais que fundou o primeiro curso de Introdução à Musicoterapia no país, nos moldes dos Encontros de Musicoterapia Argentinos da época (COSTA, 2008). Anteriormente a isso, alguns profissionais da mesma cidade haviam ministrado cursos de formação para professores da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, assim como oficinas que enfatizavam a música como meio para a educação integral do indivíduo (COSTA, s/d). A partir desses cursos e oficinas produziu-se a graduação no Conservatório Brasileiro de Música, em 1972 (COSTA, 2008).

Na década de 70, no Paraná, já havia interesse pela Musicoterapia (FREIRE, 2007; FAP, 2008). Segundo Freire, a Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP, atual Faculdade de Artes do Paraná - FAP) ofertava o curso de Especialização em Musicoterapia, especialmente fomentado pela musicista Clotilde Leining e pelo médico argentino Roland Benenzon (FREIRE, 2007). Esse curso de especialização tornou-se graduação após alguns anos. Há datas distintas atribuídas

ao início do primeiro ano de graduação em Musicoterapia na FAP, sendo elas: 1983 (VOLPI, 1996), 1980 (FREIRE, 2007) e a referência à década de 80 (no site da FAP, 2008). No Rio de Janeiro, o curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 1978 (COSTA, 2008; FREIRE, 2007) e no Paraná, em 1986 (FAP, 2008).

Durante toda segunda metade do século XX e início do séc. XXI foram sendo inaugurados novos cursos de graduação em Musicoterapia no Brasil. Além dos cursos no Paraná e no Rio de Janeiro, foram criados novos cursos de formação de graduação e pós-graduação em São Paulo (graduação) e Salvador, iniciando na década de 80; Goiânia e Ribeirão Preto, na década de 90; no Rio Grande do Sul, em 2002 como graduação (AMT-RS, S/D), bem como em outras localidades.

Clotilde Leining foi uma das pioneiras e fundadora do curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná (FAP, 2008). Segundo Freire (2007, p. 34) “(...) No Paraná, a professora Clotilde Espínola Leining começou a pesquisar sobre o uso da Musicoterapia de forma sistemática em 1952”. Leining, que foi estudante de música com aperfeiçoamento em Canto Orfeônico no Estado do Rio de Janeiro, idealizava um projeto de fundação de um Conservatório de Canto Orfeônico. E, na cidade de Curitiba, em 1956, com o apoio de maestros, alguns professores e do legislativo do Paraná, concretizou seu projeto. Em 1966, assumiu interinamente a direção, dando início à transformação de Conservatório para a Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP) (FAP, 2008).

Falar da fundação do curso de graduação em Musicoterapia da UNESPAR/FAP é debater um pouco sobre as construções teórico-práticas que foram fornecendo base para sua constituição e profissão do musicoterapeuta no Paraná e, mais amplamente, no Brasil. O presente estudo buscou levantar, compreender e analisar o contexto histórico dos primeiros anos de curso em musicoterapia da FAP, (re)conhecer contribuições de alguns dos primeiros sujeitos implicados nesse processo, vir a saber das produções intelectuais e bibliografia básica presentes nos primeiros anos do curso e conhecimento teórico-prático reproduzido na época. Através destas compreensões e análises, pode-se colaborar com a construção do conhecimento de um período breve, mas importante para a história da musicoterapia, especialmente no Paraná. A intenção deste trabalho é de

conhecer mais amplamente a construção do curso de musicoterapia da FAP e da própria área no Paraná.

Santos (1996) afirma que não conhecemos a história da nossa profissão. Essa constatação é afirmada no final do século XX e parece ainda ser uma ocorrência no começo do século XXI. Segundo o autor, temos alguns textos que expõem os “fatos” mais importantes da Musicoterapia, porém sem análises dos aspectos levantados (SANTOS, 1996). Frente a isso, esse estudo busca contribuir para o conhecimento sobre o contexto histórico de fundação e de institucionalização da graduação em Musicoterapia da FAP.

CAMINHO METODOLÓGICO

Na presente pesquisa, foram buscados diferentes elementos que contribuíssem para a composição de um panorama da construção do curso de Musicoterapia na FAP. Para tanto, esse estudo tem caráter qualitativo, havendo duas etapas: levantamento documental e entrevistas. A pesquisa foi iniciada com o levantamento documental sobre materiais produzidos dentro dos primeiros anos do curso de especialização e graduação em Musicoterapia na FAP. Esta busca foi feita no acervo da biblioteca e em documentos da faculdade, para encontrar artigos, monografias, dissertações, teses, documentos do arquivo acadêmico ou qualquer trabalho que fizesse referência à musicoterapia durante esse período.

Foram feitas quatro entrevistas, tendo sido o primeiro contato passado pelo corpo docente da Faculdade.

A principal fonte de informação para essa pesquisa foi a entrevista. Estas foram gravadas conforme as normas próprias da metodologia da História Oral. A autorização da utilização do nome dos informantes foi definida junto aos participantes a partir de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹², após as transcrições terem sido revistas, sendo cortadas e/ou corrigidas, conforme definido pelas entrevistadas.

Foi feita uma última visita ao arquivo acadêmico antes da finalização do trabalho para confirmação de alguns dados apontados em entrevista. Utilizando-se

¹² Projeto de pesquisa submetido ao CEP/FAP e aprovado conforme parecer consubstanciado nº 87520./201d ANAIS DO XVI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA e I Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia. Volume 16 – 2015.

de todos os elementos levantados, as entrevistas foram validadas conforme analisadores aprofundados da História Oral (ALBERTI, 2005) e da etnografia (FONSECA, 2005; STANTON, 1998).

O trabalho foi concluído tratando das considerações acerca dos documentos, materiais e entrevistas coletadas e analisadas, com reflexão final da pesquisadora.

ENTRE FALAS E ESCRITOS

Com o levantamento de dados que fiz no arquivo acadêmico e pelas entrevistas, pude compreender que com o trabalho da musicista e musicoterapeuta Clotilde Leinig, a musicoterapia no Paraná foi fomentada na FAP desde antes da década de 70, considerando a disciplina de Terapêutica da Música que utilizava da terminologia da musicoterapia dentro da ementa de seu curso, Licenciatura em Música. Pode-se assim afirmar o que Freire (2007) comenta quando diz que já havia interesse pela musicoterapia na década de 60 no Paraná. É possível afirmar que a musicoterapia não só era de interesse nesse período, como fazia parte da grade curricular de um curso de graduação da Faculdade de Educação Musical do Paraná, atual FAP. Isso faz notar que em ambas as cidades, Rio de Janeiro e Curitiba, tiveram o nascimento de seus cursos no mesmo período, ou seja, na década de 60.

Parece evidente que todo processo de construção do curso, permeado por outras pessoas, teve como ponte principal a figura da professora Clotilde, que além de fundadora, foi uma das incentivadoras dos profissionais da área. Alguns documentos mostram sua presença e seu pioneirismo. Fica clara a presença de outras pessoas importantes no processo, ainda pouco conhecidos devido a falta de pesquisa. Nas entrevistas, as musicoterapeutas relatam a parceria da profissional com os alunos e com os professores, motivando-os a acreditarem naquele trabalho que ainda se iniciava. Clotilde parece ter sido uma pessoa influente na época já que, a partir de sua rede de amizades, agregou profissionais para o curso, para dar palestras e dialogar com outros profissionais, como por exemplo o contato com a musicoterapia no Rio de Janeiro. Durante as entrevistas, as participantes relatam o interesse de Clotilde em abrir este curso desde muito antes do nascimento da especialização, envolvida pela paixão pela área. Para tanto, usou de suas experiências vividas nos Estados Unidos, interagindo com os profissionais também

ANAIS DO XVI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA e I Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia. Volume 16 – 2015.

interessados no campo da cidade do Rio de Janeiro e da Argentina, e assim formulou o primeiro currículo para a especialização. Na pesquisa do arquivo acadêmico não havia dados específicos sobre o início do curso de graduação e nem de especialização.

As entrevistas ajudaram a clarear as informações em decorrência dos poucos dados encontrados no arquivo acadêmico e biblioteca. Junto ao diálogo dessas participantes envolvidas nos primeiros anos, pode-se compreender que algumas turmas se formaram pela especialização, a instituição não abriu vagas durante um período, como um período de fechamento do curso (que parece ter sido do ano de 1979 a 1983, não houve dados coletados suficientes para afirmar com certeza) e em seguida seu retorno como graduação, em 1983.

Muitas pessoas, além de Clotilde, de áreas da musicoterapia ou da saúde foram apontadas como participantes importantes desse processo de produção do curso, tendo suas produções intelectuais em arquivo e em entrevista: o musicoterapeuta e psiquiatra argentino Rolando Benenzon foi um nome recorrente nas entrevistas, vindo a convite de Clotilde para dar o que pareceu ser palestras sobre a musicoterapia, na década de 70. Durante as entrevistas, a utilização de seus materiais foi comentado com frequência.

Parece importante apontar que os livros “Manual da Musicoterapia” e “Teoria da Musicoterapia” não existiam até os anos de 1985 e 1988, e que por isso seria impossível a utilização dos mesmos nos primeiros anos do curso. É possível levantar a hipótese do uso de produções do autor na língua mãe do profissional, sem a utilização dos livros que foram citados, com também apropriação de conhecimentos de sua teoria através de congressos, simpósios e palestras. Levando-se em conta essa hipótese, que pode evidenciar a precariedade de materiais bibliográficos na língua mãe, provavelmente o modos de ação da musicoterapia daquele período tinha realmente um foco na prática, como mencionado nas entrevistas. Poderia se inferir o que Costa (2009, p. 1) comenta sobre a história da musicoterapia no Rio de Janeiro, pois parece ser comum a prática da musicoterapia nacional, uma “prática pela prática”: “A musicoterapia vem sendo desenvolvida no Brasil há cerca de 50 anos, inicialmente de forma empírica, baseada na sensibilidade e nas convicções de quem a utilizava”.

Além de Benenzon, profissionais do corpo docente, como os professores médicos, foram comentados pelas entrevistadas como tendo sido convidados por Clotilde para ajudarem na construção da musicoterapia. Essa recorrência de profissionais da área médica foi apontada pelas entrevistadas com frequência.

A estrutura de trabalho apontada pelas entrevistadas era constituída na vivência dos atendimentos, com “parcos” (termo utilizado por Jônia) conteúdos teóricos, tendo em mãos alguns materiais próprios da musicoterapia, como livros produzidos pelo musicoterapeuta argentino Roland Benenzon, pela musicoterapeuta brasileira Lia Rejane Barcellos, diálogos com profissionais médicos, a utilização da teoria da musicoterapia proposta por Benenzon, de base psicanalítica, entre a utilização da metodologia didática da pedagogia musical. Contudo, conforme as entrevistadas comentaram, o corpo docente foi se formando também através de concursos de título, posterior a convites, tendo em arquivo acadêmico o nome de muitos médicos como professores, já no período da especialização (a partir da década de 70). Estes, possivelmente, foram os reprodutores de um curso que teve como base inicial vigente uma prática biomédica, como citado por Jônia no fragmento a seguir “(...) Então era, no diagnóstico, ele tem paralisia cerebral, então ele tem que ser trabalhado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da fundação do curso de Musicoterapia se deu no final da década de 60, junto à construção da Faculdade de Educação Musical do Paraná. Através do levantamento de dados, entrevistas e análise destes dados, pode-se compreender fatores como: a importância da musicista e musicoterapeuta Clotilde Leinig, que por ter sido nomeada como diretora da faculdade, foi a principal responsável pelo estabelecimento da musicoterapia na FAP e, potencialmente no Paraná. Na fala das entrevistadas, ocorria uma certa discrepância entre o apontamento de dona Clotilde como sendo a responsável isolada pelo estabelecimento do curso e a presença de outros profissionais que fizeram parte da construção do curso.

A partir das entrevistas, a visão de construção de curso centrada na pessoa de Clotilde pode ser desconstruída, pois houve as presenças: do musicoterapeuta

Rolando Benenzon (através de palestra na década de 70, vindo para o Brasil a pedido de Clotilde); a vinda do chileno Rolando Toro com uma visão da antiga “psicodança”; a ajuda de profissionais do círculo de amigades de Clotilde, como os professores médicos.

Os documentos encontrados no arquivo acadêmico não informam com clareza as datas de início dos cursos. Os dados coletados informavam o ano de autorização da graduação, em 1979, não havendo materiais mostrando turmas durante esse ano até o ano de 1983 e de reconhecimento da graduação e especialização, dificultando o entendimento do processo. Mas deve-se levar em conta a existência de outras possíveis documentações não encontradas na busca realizada para pesquisa e o curto período de levantamento realizado.

A bibliografia básica desses primeiros anos de especialização e graduação são semelhantes, na medida em que, as entrevistadas diziam que era utilizado os livros produzidos por Benenzon e materiais intelectuais de Lia Rejane Barcellos.¹³ Além deles, foi citado a utilização do livro “O tratado de Musicoterapia”, confeccionado por Clotilde Leinig em 1977. Não tive notícias de outros materiais além deste da categoria. Todavia, houveram os conhecimentos passados oralmente por professores médicos. Estes últimos eram passados aparentemente quase que no “boca-boca”, com poucas reflexões sobre esse conteúdo já que ele era escasso, estabelecendo um campo prático.

A partir destes dados, pode-se construir um panorama teórico-prático da época, que consiste em: a) uma aparente separação entre teoria e prática, conforme o relato das profissionais entrevistadas; b) Uma prática amparada em teorias de base biomédica, com influência comportamental, com provável utilização da prática de atendimento da Musicoterapia Criativa, coletados por Clotilde no período de estudo nos Estados Unidos; c) Presença de subsídios teóricos provenientes dos trabalhos de Lia Rejane Barcellos, Rolando Benenzon, saberes da pedagogia

¹³ Algumas entrevistadas indicam o uso dos *Cadernos de Musicoterapia* da musicoterapeuta brasileira Lia Rejane. Contudo, há um desencontro de datas, sendo que dos quatro cadernos lançados, o primeiro data no ano de 1992, o que sugere que muito provavelmente, a musicoterapeuta produziu materiais intelectuais anteriores aos cadernos, que eram utilizados nessa época.

musical (Como Orff, Dalcroze, Kodally), utilização de elementos da biodança e, potencialmente, materiais com base no modelo médico.

A característica da construção da forma de trabalho parece ter sido embasada no diagnóstico médico dos sujeitos que iam para o atendimento, levantando-se objetivos para “melhorar” determinado sujeito. Isso se deve muito provavelmente por conta das disciplinas teóricas dadas na época pelos profissionais médicos. Analisando-se as entrevistas, grande parte das disciplinas comentadas quando se entrava nessa categoria eram de neurologia, anatomofisiologia e psicopatologia. Essa resposta pode denotar fatores que sinalizam os modos de ação dos profissionais da época, feita por uma lógica biomédica.

Assim como Amarante (2007) comenta sobre o modelo médico, a prática da musicoterapia foi construída, aparentemente arraigada a essa lógica, uma prática especialística, verticalizada e hierarquizada, “centrada na doença e não nos sujeitos que ‘têm’ as doenças” (*Ibid*, P. 27). Isso se faz real na medida em que o foco no diagnóstico e na “modificação do quadro”, olhando-se a doença antes de olhar-se o sujeito.

Desde as primeiras referências de existência da área no que hoje é a FAP, já se passaram mais de 30 anos. Assim, o contexto com poucas pesquisas da época, informação essa citada pelas entrevistadas, hoje é outro. Atualmente na FAP, através de um esforço da classe, existe um grupo de pesquisas cadastrado pelo CNPQ, o Núcleo de Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (NEPIM), que teve início em 2011 (FAP) que estimula a produções intelectuais. O NEPIM publica sua revista científica como parte dos esforços de pesquisa. Isso mostra que a pesquisa na área vem crescendo no âmbito acadêmico. Contudo ainda se tem poucas produções, como por exemplo sobre a temática da história da musicoterapia. O processo e os resultados desta investigação indicam a necessidade de novas pesquisas nesse campo, para que muitas dúvidas possam ser respondidas. Uma amostra de um questionamento levantado em pesquisa que não pode ser aprofundado pela extensão do trabalho ser curta, foi de “como a prática da pedagogia musical teve importância na construção da musicoterapia no Brasil”.

As musicoterapeutas entrevistadas tiveram, com sua contribuição para ajudar em formulações sobre a história da Musicoterapia na FAP, um papel excepcional.

Esse papel torna-se imprescindível não somente pela riqueza de suas histórias de vida, mas também pelo pouco tempo de pesquisa no arquivo acadêmico e as produções intelectuais em biblioteca e arquivo disponibilizarem pouca informação sobre esse período da história do curso da musicoterapia na FAP.

Segundo Guazina (2006, p.10), o conceito de subjetivação está ligado a “indissolubilidade entre o indivíduo e a coletividade”. Isso coincide com a prática deste trabalho, pois a profissão se estabeleceu junto a todos os profissionais, alunos e outros sujeitos vinculados a construção do curso, pois todos estão ligados a sua trama, uma trama social.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

AMERICAN MUSIC THERAPY ASSOCIATION, **History of Music Therapy**, 2011.
Disponível em:
<<http://www.musictherapy.org/about/history/>> Acesso em: 05 jun. 2012.

ASSOCIAÇÃO DE MUSICOTERAPIA DO RIO GRANDE DO SUL, **Histórico**, S/D.
Disponível em:
<<http://www.amt-rs.blogspot.com.br/>> Acesso em: 23 jun. 2012.

BALDIN; N.; MUNHOZ; E. M. B. **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica de pesquisa em educação ambiental comunitária**. Artigo apresentado no I seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE, Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011. Disponível em:
<http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf> Acesso em: 20 maio 2012.

BAUER, M. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7 ed, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BENENZON, Rolando O. **La Nueva Musicoterapia**. 2ª ed., Buenos Aires: Lumen, 2008.

BOSI, Eclea. **A Pesquisa em Memória Oral**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 4 (1/2), p. 277 – 284, 1993.

ANAIS DO XVI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA e I Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia. Volume 16 – 2015.

CHAGAS, Marly. **Musicoterapia: paradigmas, campos de conhecimento e concepções teóricas**. Artigo apresentado no XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, Natal, 2003.

COSTA, Clarice M. **Musicoterapia no Rio de Janeiro – Novos Rumos**. Rio de Janeiro: Editora CBM, 2008.

COSTA, Clarice M. *Desafios da construção de conhecimento em musicoterapia. Trabalho apresentado na V Jornada Científica em Musicoterapia, 2009.*

COSTA, Clarice M. **História da Musicoterapia no Rio de Janeiro – 1955 a 2005**.

Site pessoal de Maristela Smith, S/D. Disponível em:

<http://www.maristelasmith.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=36:historia-da-musicoterapia-no-rio-de-janeiro&catid=6:sobre-musicoterapia&Itemid=4> Acesso em: 20 maio 2012.

FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ. **Instituição: histórico**, 2008. Disponível em:

<<http://www.fap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=28>> Acesso em: 23 maio 2012.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**.

Universidade Estadual do Ceará, 2005. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=oB5x2SChpSEC&pg=PA34&dq=thiolent+minayo&hl=pt-BR&sa=X&ei=WUvIT5ywOc-I0QG34Lz6CQ&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=thiolent%20minayo&f=false>>.

Acesso em 21 jun 2012.

FREIRE, Marina H. **A regulamentação profissional do Musicoterapeuta**,

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Musicoterapia, Ribeirão Preto, 2007. Disponível em:

<<http://www.amtrj.com.br/arquivos/TCC%20-%20Regulamentacao%20Musicoterapeuta.PDF>>. Acesso em: 15 abril 2012.

GASTON, M. **Tratado de Musicoterapia**. Buenos Aires: Paidós, 1989.

GUAZINA, Laize Soares. **Sons, silenciamentos, poder e subjetivação no hospital: a musicoterapia na saúde do trabalhador**. 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande de Sul, Porto Alegre.

LAPOUJADE, C.; LECOURT, E. **A pesquisa francesa em Musicoterapia**. Revista Brasileira de Musicoterapia, ano I, número 2, 1996.

POLLACK, M. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em:

<http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-

ANAIS DO XVI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA e I Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia. Volume 16 – 2015.

[content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf](#)>. Acesso em: 15 abr. 2012.

SCHAPIRA, D. FERRARI, K. SANCHÉZ V., HUGO, M. **Musicoterapia: abordaje plurimodal**. Buenos Aires: Adim Ediciones, 2007.

SANTOS, M. A. **Para a construção de uma agenda nacional de pesquisa em Musicoterapia**. Artigo apresentado no V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, M. Musicoterapia – aspectos da construção de uma carreira. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano II, número 2, 1996. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B7-3Xng5XEkFYWMxMml2NjctNjFINS00OGE4LTlkOGYtODc1MjUzMTFkZDRk/edit?pli=1>> Acesso em: 20 jun. 2012.

SILVA JUNIOR, J. D. **A utilização da música com objetivos terapêuticos: interfaces com a Bioética**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, 2008.

STANTON, Gareth. “**Etnografía, antropología y estudios culturales: vínculos y conexiones**”. En: J. Curran, D. Morley y V. Walkerdine (comps.), *Estudios culturales y comunicación*. Barcelona: Paidós.1998.

TORO, M. B. **Fundamentos de musicoterapia**. Morata: Madrid, 2000.

UBAM, Curitiba. Manifesto (2011). **Manifesto da UBAM junto ao conselho nacional de Assistência Social para a inclusão dos Musicoterapeutas no SUAS**. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B7-3Xng5XEkFNWY0YTRhYTQtNWI3NC00ZWY2LTg2MWItNWY0ZmViMmlzZjll/edit?pli=1>> Acesso em: 12 jun, 2012.

VOLPI, S. **A formação do Musicoterapeuta Brasileiro**. Revista Brasileira de Musicoterapia, ano II, número 2, 1996.